

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

286

INSCRIÇÕES 941-942



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2026

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iaraq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL



TESTEMUNHO VOTIVO A DEIDADE INDÍGENA
EM SEGURA, IDANHA-A-NOVA
(*ciuitas Igaeditanorum, conuentus Emeritensis, Lusitania*)

Encontra-se, em reaproveitamento, numa casa de habitação de Segura, concelho de Idanha-a-Nova, como material pétreo de construção, um fragmento de inscrição romana que foi identificado através de informação constante em recente monografia sobre a história da localidade da autoria de Carlos Madeira¹. Na obra apenas se referencia, em legenda na foto da inscrição, a existência de “epigrafia desconhecida” na fachada de uma das ruas da aldeia.

A casa, de rés-do-chão e primeiro andar, situa-se no miolo urbano de Segura, correspondendo ao nº 39 da rua de Santo António (coordenadas geográficas WGS84: 40° 07' 14.50", 7° 32' 44.15"; altitude: 591 m), encontrando-se sem ocupação permanente. O fragmento epigrafado, de granito de grão médio, permanece integrado na fachada principal, que é voltada a nascente, sensivelmente a meio da sua altura, acima do vão da porta de entrada e a uma altura intermédia entre as duas janelas que se integram, uma em cada piso, na metade direita da casa. Houve preocupação, decerto em face da sua identificação durante obras de melhoramento com substituição do reboco da fachada,

¹ Madeira, C., *Segura: uma história esquecida na raia*, Idanha-a-Nova, 2024. Na p. 79 apresenta fotografia do fragmento epigráfico objeto deste estudo. Agradecemos o apoio dado pelo sr. Joaquim Afonso, digníssimo Presidente da Santa Casa da Misericórdia de Segura, durante os trabalhos de registo.

em a deixar visível, criando uma aberta de observação oblonga, isenta de rebocadura.

O seu contexto original é desconhecido, bem como toda a história do reaproveitamento, sendo admissível a relação com algum dos arqueossítios de época romana do território adjacente, não se reconhecendo outros vestígios da mesma época na elevação em que se implanta a aldeia, sobranceira à ponte do período romano que une as margens do rio Erges, conhecida como ponte de Segura².

Na área da freguesia há, porém, outros achados epigráficos relevantes. O mais recentemente identificado corresponde ao altar possivelmente votivo reaproveitado do calvário da aldeia³, mas na capela de Santa Marinha, no termo da freguesia, encontram-se mais dois altares, com a dedicatória *Erbine Iaedi Cantibedone*, havendo um outro das imediações que se tem considerado anepígrafo⁴.

Afigura-se-nos tratar-se de um fragmento de inscrição votiva, pelo que verosimilmente, e como decorre da própria informação textual, corresponderá ao fuste de uma ara ([15]x[26]x22 cm) decerto truncado na sua tridimensionalidade, uma vez que se conservam cinco linhas de texto todas elas incompletas.

Ainda assim, é possível percecionar o sentido do texto, que não deve estar demasiado amputado em cada um dos lados. As duas primeiras linhas estarão completas, embora na primeira os caracteres não se conservem a toda a altura e, na segunda, a

² Sobre a ponte, hoje internacional, de Segura veja-se, entre outros: Durán Fuentes, M., Puentes romanos peninsulares: tipología y construcción, in *Actas del I Congreso Nacional de Historia de la Construcción*, Madrid, 1996, 167-178; Gimeno Pascual, H., Obras de reedificación del puente de Segura sobre el río Eljas en el siglo XVI, *Conimbriga*, 36, 1997, 191-200; Pizzo, A., Construcción, innovación y circulación de mano de obra en los puentes romanos de la Lusitania: los casos de Mérida, Aljucén, Alconétar, Segura y Vila Formosa, *Madridider Mitteilungen*, 56, 2015, 342-375.

³ Encarnação, J. d', Chambino, M. e Henriques, F., Duas novas epígrafes do concelho de Idanha-a-Nova, *Açafa On Line*, 4, 2011, 1-18. Disponível em: https://www.altotejo.org/acaafa/docsn4/Duas_novas_epigrafes_de_Idanha-a-Nova.pdf [consultado em 25-08-25].

⁴ *Igaed* 4, 5 e 269 (= Sá, A. M., *Ciuitas Igaeditanorum: os deuses e os homens*, Idanha-a-Nova, 2007).

primeira letra esteja incompleta. Estimamos a possibilidade de haver falta de um carácter no final da seguinte e de dois no início da que vem depois, sendo a última observável a que tem maior incompletude.

A leitura interpretada que fazemos da inscrição é a seguinte:

ΑΡΑΜ
ΤΟΓΑΕ
ΕΒΥΡΟΒ[Ρ(icae)]
[GA?]ΛΛΙΓΑ
[---]CΙ [F(ilia)?]
[---]

A Toga Eburóbrica, Galiga (?), filha de [---]co (colocou o) altar.

Altura das letras (cm): l. 1: 3; l. 2: 6; l. 3: 4,6; l. 4: 5,6 (último carácter = 4,8); l. 5: 3,8.

Espaços interlineares (cm): 1:1,6; 2: 1,9; 3: 1,9; 4: 1,8.

O texto observa-se dividido por cinco linhas. Não sendo possível inferir grande coisa quanto à paginação por desconhecermos os limites da superfície epigrafada, percebe-se, porém, uma certa regularidade dos espaçamentos interlineares. A gravação observável onde a pedra sofreu menor desagregação granular é larga, profunda e biselada. Os *ductus* denotam irregularidade a que a matéria do suporte não será alheia. Veja-se, por exemplo, que a circularidade patente no O da segunda linha não é mantida no da terceira.

Também o G da segunda linha, de extremidades achatadas e perna indicada por traço oblíquo sobre a inferior, se distingue do da quarta, com a extremidade superior levantada e a inferior curva e ligada a sulco oblíquo como o anterior. Tal como os II, igualmente os LL apresentam haste ligeiramente encurvada e lançada para a frente, tendo as barras muito curtas. Também as hastes do RR mostram inclinação para a frente, sendo as panças pouco regulares e as pernas lançadas. Os BB mostram panças contidas, equilibradas entre si, e as hastes praticamente verticais. O A da segunda linha, o único completo, apresenta travessão encurvado a meio da altura; o da quarta também apresenta travessão idêntico; os da primeira linha são de módulo inferior, observando-se, do primeiro, a haste direita e parte da esquerda,

e, do segundo, parte da haste esquerda, estando aparentemente ambos sem travessão. Um ténue sulco inclinado para a direita, posicionado à frente do segundo A desta linha inicial, indicia ter feito parte do M que completaria a palavra. Na seguinte, o E, mostra barras curtas e aparentemente com larguras idênticas. O V da terceira linha caracteriza-se pelo equilíbrio entre as hastes. Na última linha, os resquícios de letras são, com relativa segurança, um C e um I, afigurando-se que este poderá estar seguido por um ponto. Na segunda linha afigura-se, ainda, vislumbrar-se um resto do T inicial, designadamente do arranque da barra, que se concebe não muito larga.

A superfície epigráfica visível, apesar de atrofiada, permite-nos entender a estrutura do texto epigrafado. Um dos aspetos mais notórios do mesmo é o claro destaque dado à segunda linha com emprego de um módulo distinto, o que é indicatório da vontade de valorizar o conteúdo aí gravado, que contém, em nosso entender, a forma teonímica *Togae*, desde logo porque é antecedida do acusativo *aram* e por a forma de base toponímica que se lhe segue, e para a qual admitimos estar ainda em falta um carácter, permitir que se interprete como epíteto deste nome indígena com incidência regional.

O texto inicia-se, assim, com a identificação do suporte que foi dedicado e a menção da divindade, cuja nomenclatura é constituída por teónimo e epíteto, seguindo-se o nome de quem intervém neste ato, plausivelmente de estatuto peregrino. O texto completar-se-ia com mais uma linha na qual existiria uma fórmula final, possivelmente reduzida a iniciais, em que se incluiria, decerto, a forma verbal *posuit*, a justificar o acusativo do início do texto.

A divindade que é objeto da dedicatória tem expressão regional. São quatro os testemunhos existentes. De sul para norte, reconhece-se na *Ammaia*⁵, *ciuitas* a sul da dos Igeditanos, em San Martín de Trevejo⁶ e Valverde del Fresno⁷, na vizinha *ciuitas* de *Caurium*, em Torremenga⁸, já mais a oriente, no *territorium*

⁵ *CIL* II, 801 = *RAP* 194 = *HEp* 2001, 698.

⁶ *CILCaceres* IV, 1286.

⁷ *FE* 12, 49 = *AE* 1985, 539 = *CILCaceres* IV, 1299.

⁸ Blázquez, J. M., Últimas aportaciones a las religiones primitivas de Hispania,

de *Augustobriga*, e em Martiago⁹, em terras salmantinas. Tal como nesta inscrição, o ambiente social em que se integram as dedicatórias é peregrino.

A etimologia do teónimo tem concitado acordo na relação com o indo-europeu **(s)togaH* “encobrimento, proteção”, substantivo verbal de **(s)teg-* “cobrir”, que poderá entender-se como personificação de um fenómeno da natureza, sendo especificamente proposta a relação com penhascos¹⁰.

Apenas na dedicatória de *Ammaia*, realizada por *Nouela Anniae liberta*, o teónimo é acompanhado por epíteto. A leitura *Togae Almae* é hoje insustentável em face de uma segura grafia ALENES, que já se propôs interpretar como *Alene(n)s(i)* (*HEp* 2011, 698), embora nos pareça mais criterioso, até à luz no novo testemunho, considerar como *Alenes(icae)*, não sendo viável a atribuição antroponímica recentemente proposta (Mantas 2018, 62-63, nº 10).

O epíteto do testemunho que nos ocupa tem uma manifesta base toponímica que também não é alheia ao contexto regional. Em território do Fundão, no Castelejo, há registo da dedicatória *Arentio et Arentiae Eburobricis*¹¹, sendo facilmente reconhecível que o epíteto plural corresponde ao derivado de um topónimo **Eburobris*, em que se identifica o primeiro elemento **eburo* “teixo” e o sufixo **brig-* “elevação, castro”.

Afigura-se equacionável que o nome invocado em Segura possa ter origem mais setentrional, precisamente já em território dos *Lancienses Oppidani*, coincidindo com aquele paralelo para o epíteto, mas a inversa seria igualmente possível se tivesse tido este lugar uma ocupação proto-histórica, por ora não revelada.

A dedicatória tem por fazedora uma mulher de estatuto peregrino cujo idionimo não é possível asseverar, nem tão pouco o patronímico. Deste apenas restam os dois últimos grafemas,

Estudios dedicados a Carlos Callejo Serrano, Cáceres 1979, 165, nº 253.

⁹ *AE* 1955, 235.

¹⁰ Blanca Maria Prósper, *Lenguas y religiones prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*, Salamanca, 2002, pp. 199-200.

¹¹ Salvado, P., Rosa, J. M. e Guerra, A., Um monumento votivo a Arância e Arâncio, proveniente de Castelejo (concelho do Fundão), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7:2, 2004 237-242 = *AE* 2004 721.

incluindo a desinência de genitivo. Para o idiônimo, uma forma sonorizada de *Gallica* poderá ser admissível em face de ausência de alternativas conhecidas para a sequência *-lliga*, conhecendo-se essa forma num mosaico funerário norte-africano, embora baixo-imperial¹². Como nome único, a forma masculina *Gallicus* identifica-se no vale do Guadiana¹³. Aqui documenta-se também uma forma *Vellicus* como cognome¹⁴, aproximável de outra que tem registo num documento testamentário norte-africano¹⁵ e está associada a um escravo lusitano, *Bellicus*, mas sem outros testemunhos epigráficos na Lusitânia. Contrariamente à anterior, registam-se formas de feminino para esta em diversos contextos imperiais.

A datação da inscrição, pela sua estrutura e características paleográficas, poderá centrar-se no século II d. C. É, ainda, de realçar que este testemunho alarga o leque de deidades indígenas conhecidas em diversos pontos do *territorium* da *ciuitas* dos *Igaeditani* e ajuda a redimensionar a geografia do culto a esta divindade.

JOAQUIM MANUEL BAPTISTA*

PEDRO MIGUEL SALVADO**

ARMANDO REDENTOR***

¹² *AE* 2011, 1555: *Galliga in pace* (África Proconsular).

¹³ *IRCSerpa* 7.

¹⁴ *IRCP* 115.

¹⁵ *AE* 2016, 2031

* Escola Superior de Gestão de Idanha-a-Nova do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

** Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, Fundão.

*** Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra – CEIS20.

<https://orcid.org/0000-0002-6459-3285>.



FIG. 1 – Posicionamento do fragmento de ara funerária na fachada da casa em que se encontra reaproveitado (Google Street View) © A. Redentor



FIG. 2 – Vista frontal do fragmento epigrafado. © A. Redentor

INSCRIPCIÓN FUNERARIA DE SANTALLA DE
ESPERANTE (LUGO)
(*conventus Lucensis. Hispania citerior*)

La iglesia parroquial de Santalla de Esperante se encuentra en el lugar de A Eirexe, a unos cinco kilómetros al suroeste de la ciudad de Lugo, a cuyo concello pertenece. Se trata de un templo de origen perrománico en el que a lo largo del año 2025 se realizaron diferentes trabajos, que siguen en marcha, promovidos y financiados por la Dirección Xeral do Patrimonio Cultural de la Consellería de Cultura, Lingua y Xuventude de la Xunta de Galicia.

Estos trabajos¹ consistieron en la recopilación y síntesis de los antecedentes arqueológicos, la prospección arqueológica superficial intensiva del contorno inmediato, la realización de una prospección geofísica con georradar, la excavación de 15 sondeos arqueológicos valorativos, el repicado de los revocos de algunas de las paredes del edificio, el inventario de los elementos históricos-artísticos, arquitectónicos y arqueológicos más destacados, la toma de muestras de morteros de los diferentes paramentos, la documentación gráfica con fotográfica y video, junto a la

¹ Dirigidos y supervisados por el arqueólogo Roberto Bartolomé Abraira: a) Proyecto de intervención de “*Traballos de Intervención arqueolóxica de investigación e documentación da igrexa de Santalla de Esperante (Lugo): prospección con xeorradar e sondaxes manuais valorativas*”, autorizado con el Código SA-2025-0502.AQX en julio de 2025. b) Proyecto de intervención de “*Estudo de avaliación arqueolóxica da igrexa de Santalla de Esperante (Lugo)*”, autorizado con el Código SA-2025-0804.AQX en noviembre de 2025.

fotogrametría y el escaneado 3D de todo el proceso llevado a cabo.

Durante los trabajos de control arqueológico del repicado del interior del muro norte de la nave principal fue cuando se produjo el hallazgo la pieza en cuestión.

El soporte epigráfico está cortado para adaptarlo como material de construcción dentro de la iglesia, en el muro lateral izquierdo de la nave, junto a una pila bautismal, pero parece que fue parte de un bloque que, por su grosor, pudo pertenecer a un pequeño monumento funerario o mausoleo. La pieza está tallada en granito y fue cortada por arriba y por la derecha pero también quizá por abajo, pues es probable que hubiera alguna línea adicional de texto. Sus dimensiones actuales son (31) x (77) x 32 cm. Conserva parte de tres renglones, alineados perfectamente a la izquierda, con letras muy regulares, de buena factura y talla profunda, cuya altura es de 9, 8 y 8 cm respectivamente. Las interpunciones de las tres líneas están muy desfiguradas pero las dos últimas de la segunda línea y la que se ve en la tercera, que están menos dañadas, son triangulares y apuntadas hacia arriba, por lo que es probable que las demás fueran originalmente del mismo tipo. No hay ningún elemento de separación en la parte media del primer renglón y sólo se reconoce un punto al final de lo conservado.

El texto hoy visible dice lo siguiente:

MVNIOCELO · [- - -]
H · S · E · S · T · T · L [- - -]
NIGRINVS · BIT[- - -]

La estructura del texto parece responder a una construcción con la identificación del difunto o difunta en primer lugar, seguida del formulario funerario y de la identidad de –al menos– un dedicante con el nombre en nominativo. No obstante, el recorte de la pieza complica la identificación de los personajes.

La voz *Muniocelo*, limitada por una interpunción final, podría corresponder a un nombre personal pero también a un topónimo. Hay que recordar que las fuentes antiguas mencionan

una localidad llamada *Ocelo Duri*² y que Plinio menciona a unos *Ocelenses*³ en el *conventus Scallabitanus*. En un grafito hispano-romano del concello de Grandas de Salime (Asturias)⁴, muy cerca del límite con la provincia de Lugo y dentro del mismo *conventus Lucensis* está identificado el topónimo *Ocela*. De Santa María Magdalena de Paradiña (Ourense) procede un altar⁵ que invoca a un *Lar Ocaelaecus* y Ptolomeo cita una ciudad de nombre *Ocelon* entre los Vettones⁶. Más significativo es que el propio Ptolomeo mencione una *polis* de nombre *Ocelon* entre los *Callaeci Lucenses*⁷. Con respecto al primer elemento de la secuencia MVNIOCELO, *Munius* es un conocido gentilicio latino⁸, bien atestiguado en diferentes regiones de *Hispania* y el nombre personal *Munigalicus* es conocido en sendas inscripciones de Valdoré (León)⁹ y de Valduno (Las Regueras, Asturias)¹⁰.

Con esos antecedentes, MVNIOCELO podría identificarse con la forma de ablativo del *castellum* de residencia o de origen del difunto o de la difunta. Hay que recordar que las estructuras poblacionales identificadas en los epígrafes latinos como

² *Itin. Anton.* 434, 6 y 439, 10; *Ravenn.* 319, 4. Cf. J. Untermann, *Monumenta Linguarum Hispanicarum* VI. *Die vorrömische einheimische Toponymie des antiken Hispanien*, Wiesbaden 2018, 558.

³ *Plin. nat.* 4, 118.

⁴ J. de Francisco Martín – A. Villa Valdés, *Salutatio Ocelae*: un epígrafe sobre vaso cerámico en el castro de Chao Samartín, *Larouco* 5, 2010, 65–69 (AE 2010, 706), con la bibliografía anterior; J. Untermann, *Monumenta Linguarum Hispanicarum*, cit..., 760.

⁵ J. M. Abascal – A. López Fernández, *Epigrafía romana de Galicia* II.2. *Provincia de Ourense. A Limia y zona occidental*, Ourense 2025, 732–735 n.º 238, con fotografía.

⁶ *Ptol.* 2, 5, 9. Citamos por la edición de A. Stückelberger – G. Grasshoff, *Ptolemaios. Handbuch der Geographie*, Basel 2006.

⁷ *Ptol.* 2, 6, 23.

⁸ W. Schulze, *Zur Geschichte lateinischer Eigennamen* (1904). *Mit einer Berichtigungsliste zur Neuauflage von O. Salomies*, Zürich – Hildesheim 1991, 195, 362 y 424; H. Solin – O. Salomies, *Repertorium nominum gentilium et cognominum Latinorum*, Hildesheim – Zürich – New York 1988, 123.

⁹ *CIL* II 5717.

¹⁰ *HAE* 1664.

castella (castros)¹¹ son muy corrientes en el noroeste peninsular y que, sólo en el *conventus Lucensis*, conocemos 14 de estas unidades. Uno de esos testimonios, el de Crecente (parroquia de San Pedro de Mera, concello de Lugo)¹², se encuentra a unos 10 kilómetros de Santalla de Esperante. En todo caso, al final de la línea anterior, hoy perdida, habría que esperar una C invertida que precede en estos casos al nombre del *castellum*.

Aunque algunos nombres de *castella* se construyeron con desinencias de la tercera declinación latina y otros se citaron mediante el uso del genitivo latino, una gran parte de los nombres de *castella* se formaron en la segunda declinación y aparecen en las inscripciones con ablativos en *-o*, tal como vemos en San Pedro de Cícere (conc. Santa Comba, A Coruña)¹³, donde se lee (*ex castello*) *Berisamo* o en la *tabula* do Courel (Lugo)¹⁴, en donde se dice (*ex castello*) *Aiobrigiaeco*.

En la última línea de la inscripción de Santalla de Esperante se lee el conocido *cognomen* latino *Nigrinus* y, separadas por una interpunción, se encuentran las letras BIT. En este renglón, tras la fórmula funeraria, habría que esperar parte del nombre del dedicante. En la onomástica latina está documentado el gentilicio *Bitius*¹⁵ y entre los *cognomina* griegos conocemos un posible *Bithus*¹⁶. Las letras que subsisten en la inscripción de Santalla

¹¹ G. Pereira, Los *castella* y las comunidades de Gallaecia, *Zephyrus* 34–35, 1982, 249–267; M.^a L. Albertos, Sobre los *castella* del N. O. peninsular, en: G. Pereira (ed.), *Actas del 1er. Congreso peninsular de Historia Antigua (Santiago de Compostela, 1 – 5 julio 1986)*, Santiago de Compostela 1988, vol. II, 191–195; E. Luján, *Briga and castellum* in North-Western Hispania, en: E. R. LUJÁN – J. L. GARCÍA ALONSO (eds.), *A Greek Man in the Iberian Street. Papers in Linguistics and Epigraphy in honour of Javier de Hoz*, Innsbruck 2011, 225–242.

¹² A. Rodríguez Colmenero – M.^a C. Carreño Gascón, Estela romana, monumental, de Crecente (Lugo), *Larouco* 2, 1996, 283–288; *AE* 1997, 863.

¹³ *HAE* 1695; Vives, *ILER* 6330.

¹⁴ *AE* 1961, 96.

¹⁵ H. Solin – O. Salomies, *Repertorium...*, cit., 35, a partir de ejemplos como el de *CIL* II 2984, de *Calagurris Iulia* (Calahorra, La Rioja), donde el dedicante de una estela se llama *Fuscus Bitius*, con inversión de la posición de gentilicio y *cognomen*.

¹⁶ H. Solin, *Die griechischen Personennamen in Rom. Zweite, völlig neu*

de Esperante podrían ponerse en relación con otros nombres documentados en Hispania como *Bithynis*¹⁷, *Biticenti* (gen.)¹⁸ o *Bitinias*¹⁹ pero también con otros nombres griegos²⁰ y latinos. En todo caso, la solución más sencilla parece la de entender que, si al comienzo de la línea se encuentra ya el *cognomen Nigrinus*, las letras BIT deben corresponder al gentilicio; es decir, al igual que en *Calagurris Iulia* leemos el nombre *Fuscus Bitius*, aquí habría que entender que el dedicante se llamó *Nigrinus Bitius*, con la corriente inversión de la posición de *nomen* y *cognomen*, un fenómeno bien documentado en epigrafía²¹. A tenor de lo dicho, la inscripción de Santalla de Esperante se podría entender de la siguiente manera:

 [- - - * (ex castello)]
 Muniocelo ·
 h(ic) · s(itus/-a) · e(st) · s(it) · t(ibi) · t(erra) [I(evis)]
 Nigrinus · Bit[ius]
 [- - - - -]

bearbeitete Auflage I–III, Berlin – New York 2003, 1454.

¹⁷ CIL II 2327, de Peñaflores (Sevilla)

¹⁸ CIL II 2984, de *Calagurris Iulia* (Calahorra, La Rioja).

¹⁹ CIL II 3602, de Gandía (Valencia): *Q. Appius Bitinias*.

²⁰ H. Solin, *Die griechischen Personennamen...*, cit., 1640.

²¹ Véase Hübner CIL II, p. 1200; G. Lahmeyer, Über die Reihenfolge der Eigennamen bei den Römern, *Philologus* 22, 1865, 469–494; J. Curschmann, *Zur Inversion der römischen Eigennamen. I. Cicero bis Livius*, Büdimgen 1900; H. Solin, *Analecta Epigraphica* LXXXVI–XCIII, *Arctos* 18, 1984, 140 (id., *Analecta Epigraphica* 1970–1997, Roma 1998, 214) e id., *Analecta Epigraphica* CXXI–CXXV, *Arctos* 22, 1988, 143; E. Dickey, *Latin Forms of Address from Plautus to Apuleius*, Oxford 2008, 67–73. En Hispania no faltan los ejemplos: CIL II 2870 (Lara de los Infantes, Burgos: *Marcellus Aurelius*); CIL II²/14, 590 (= II 6028. Sagunto, Valencia: *Rustica Baebia*); CIL II²/13, 1005 (= II 3195. Valeria, Cuenca: *Felicia Iunia*); AE 1990, 502 (São Salvador, Viseu: *Rufinus Rufi f. Aelatus*); CIL II 5148 (Faro: *Spes Domitia*); AE 1994, 859 (*Augusta Emerita: Fausta Coelia*); etc.

Cuya traducción sería:

Aquí yace [- - -, de - - - años de edad], residente en el castro *Munioceum*. Que la tierra te sea leve. *Bitius Nigrinus* [hizo este monumento].

El texto tiene una estructura muy sencilla, propia de los epígrafes de la primera etapa del hábito epigráfico en estas regiones de Galicia. Las interpunciones triangulares apuntadas hacia arriba son propias de época julio-claudia. El tipo de letra y el formulario apoyan una datación a mediados o quizá en la segunda mitad del siglo I d.C.

JUAN MANUEL ABASCAL PALAZÓN*

ROBERTO BARTOLOMÉ ABRAIRA**

HUGO PIRES***

* Universidad de Alicante, juan.abascal@ua.es.

** Universidade de Vigo, roberto.bartolome@uvigo.es.

*** Universidade do Porto, miqhapaqnan@gmail.com.



FIG. 1 – Inscripción funeraria de Santalla de Esperante.
Fotografía: J. M. Salgado (Fundación L. Monteagudo), 2025.

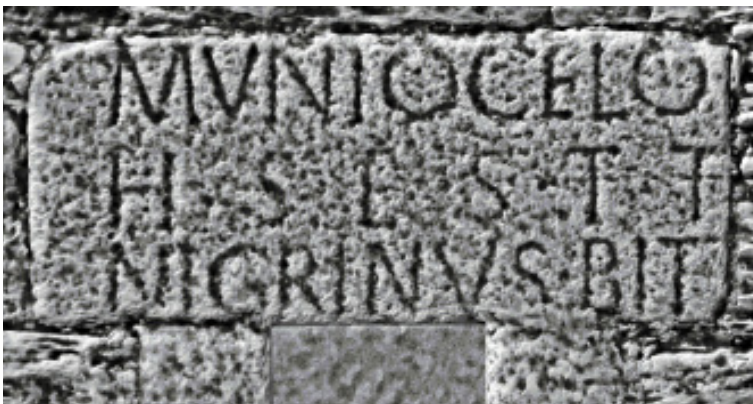


FIG. 2 – Análisis MRM de la inscripción de Santalla de Esperante.
Fotografía y tratamiento de imagen: Hugo Pires, 2025.